

Senhor Secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, em representação de
Sua Excelência o Primeiro-Ministro

Senhor Bispo Coadjutor da Guarda, Excelência Reverendíssima

Senhores Deputados

Senhora Governadora Civil de Castelo Branco

Senhores Presidentes das Assembleias e Câmaras Municipais

Senhor Director Geral do Ensino Superior

Senhores Reitores, Vice-Reitores e seus representantes

Senhor Prof. Doutor Passos Morgado, primeiro Reitor da UBI

Senhores Presidentes dos Institutos Politécnicos

Digníssimas Autoridades Civas, Militares, Judiciais, Religiosas e Académicas

Ilustres Professores, Assistentes e Investigadores

Senhor Presidente da Associação Académica

Estimados Alunos

Prezados Funcionários

Minhas Senhoras e Meus Senhores

XIX ANIVERSÁRIO

A todos apresento as nossas saudações e agradeço o facto de se terem associado à nossa Academia neste XIX Aniversário da Universidade da Beira Interior.

Estas comemorações revestem-se de um significado acrescido, pois, neste ano lectivo, perfazem-se, igualmente, trinta anos de actividade da Instituição. O Instituto Politécnico da Covilhã foi criado em 1973, a sua Comissão Instaladora tomou posse a 10 de Outubro de 1974 e as actividades lectivas iniciaram-se a 17 de Fevereiro de 1975. A assinalar esta efeméride, foi cunhada uma medalha comemorativa que hoje será apresentada.

À Comissão Instaladora e a todos aqueles que – com ela ou mesmo antes dela – de alguma forma colaboraram na criação da Instituição, nomeadamente ao grupo de trabalho da Cova da Beira, o nosso agradecimento pelo valioso contributo.

A Instituição então sonhada estava muito longe da dimensão que veio a atingir, desenvolvendo-se e convertendo-se num dos principais, senão o principal, motor de progresso desta zona interior do país. A todos os que para tal contribuíram, aqui ficam também os nossos agradecimentos, que, estou certo, são os da região e do país.

Ao Senhor Secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, em representação de Sua Excelência o Primeiro-Ministro, uma saudação e um agradecimento muito especiais, por se associar a esta comunidade neste momento particular. Pedimos-lhe que transmita ao Senhor Primeiro-Ministro o

nosso reconhecimento por todo o interesse que tem dedicado à Universidade da Beira Interior.

Aos docentes, funcionários e alunos, razão de ser da Instituição, agradeço todo o empenho que têm dedicado à transformação e afirmação desta Academia. A introdução de novas metodologias pedagógicas com a aprendizagem centrada no aluno, o incremento das actividades de investigação e a abertura ao meio envolvente têm vindo a crescer e a adquirir um dinamismo relevante.

A maior riqueza de um país são os seus cidadãos. Quanto mais culta for uma população, maior é o seu poder e capacidade de intervenção e, por conseguinte, maior a criação de riqueza e o seu bem-estar.

É de todos bem conhecido que as Universidades na Europa, em particular na Europa do Sul, da qual fazemos parte, atravessam um período complexo. A massificação do ensino superior e seus custos, a globalização, a livre circulação, o acesso à informação e a evolução científico-tecnológica dos últimos tempos, lançaram desafios muito sérios à reestruturação do meio universitário.

Ao constituir-se a Comunidade Europeia, através do Tratado de Roma (1957), tinha-se então como principal objectivo constituir uma comunidade com massa crítica na produção do saber e desenvolvimento científico e tecnológico que permitissem tornar a indústria europeia mais competitiva. Daí para cá, várias têm sido as Cimeiras e as Declarações que têm reafirmado tais propósitos, como por exemplo, a que se realizou em Março de 2000, em Lisboa, em que o Conselho Europeu traçou a chamada “Estratégia de Lisboa”, no sentido de promover uma sociedade e economia baseadas no conhecimento, conjugando dois pilares fundamentais, o da investigação e o da educação, de forma a torná-las nas mais competitivas e dinâmicas do mundo, capazes de criar um crescimento económico com maior coesão social.

Os objectivos traçados, a atingir até 2015, são essenciais porque estão ligados a conceitos fundamentais em termos de planeamento estratégico, como é o caso da qualidade, da mensurabilidade e da temporalidade.

Para tal, será necessário que a Europa, e em particular Portugal, façam um esforço de investimento em investigação e desenvolvimento que tem por meta alcançar 3% do PIB. Mas, neste domínio, a Europa tem andado sempre muito longe do investimento feito por países como o Japão, o Canadá e os Estados Unidos.

O chamado “Processo de Bolonha”, desencadeado com a Declaração de Bolonha (1998), e o Comunicado de Berlim, com a fixação de objectivos intermédios a atingir até à Conferência de Bergen, no próximo mês de Maio, exige respostas dos sistemas nacionais de ensino superior, a nível político e institucional.

É absolutamente necessário produzir legislação adequada, o mais rapidamente possível, mas tal não é suficiente para as reformas a empreender. Mais do que definir a estrutura de graus e duração de ciclos, é necessário fazer o enquadramento do Ensino Superior numa estratégia global de formação e educação integral dos cidadãos, desde o pré-escolar até ao superior, não esquecendo a componente de formação e aquisição de competências para a vida activa, a formação profissional, a formação ao longo da vida, numa estrutura com saídas e diferentes níveis de qualificação e acreditação e em que o secundário seja um ciclo terminal e não apenas um trampolim para o superior.

A autonomia das instituições deve ser aprofundada e desenvolver mecanismos de regulação e responsabilização, com definição do cumprimento de objectivos a atingir.

O Processo de Bolonha exige uma mudança de paradigma que permita rentabilizar todo o sistema de Ensino Superior, através de uma melhoria de aproveitamento de recursos humanos que leve ao combate do insucesso e do abandono escolar, responsabilizando-os cada vez mais pelo seu processo de aprendizagem. Permitir-se-á, assim, a integração dos jovens mais cedo no mercado de trabalho, evitando o desperdício dos anos mais criativos da sua vida.

A aprendizagem tem de ser centrada no aluno, com objectivos claros de formação, com uma avaliação integrada no próprio processo, de forma a que o aluno tenha um relacionamento activo com a aquisição do saber e a produção do mesmo.

As instituições têm de se organizar, introduzindo correctamente o sistema de créditos ECTS, de modo a que ele constitua uma ferramenta e uma oportunidade para a reorganização profunda do sistema, promovendo o sucesso educativo, não esquecendo a necessidade de motivar e dinamizar os estudantes para dedicarem mais tempo, por ano, à sua formação.

O papel do professor é cada vez mais importante na definição e na produção dos objectivos a atingir, no acompanhamento dos alunos, tornando-se num tutor dinamizador e facilitador do processo de educação integral dos estudantes. Novas metodologias pedagógicas e um maior volume de trabalho anual são os factores fundamentais para que se opere a mudança.

Para que tal aconteça, é fundamental garantir uma organização e financiamento adequados às instituições, que permitam efectuar as alterações estruturais indispensáveis, nomeadamente equipar laboratórios e disponibilizar meios de acesso à informação (TIC), assim como instalações de qualidade.

A atribuição e distribuição do financiamento no Ensino Superior, nos últimos anos, têm constituído um factor preocupante para a reorganização pedagógica desejada. Espero que o Governo tenha isso em consideração, apesar do momento crítico que o país atravessa e ao qual não podemos ficar alheios.

A UBI, considerando a sua localização geográfica e tendo como estratégia a afirmação pela qualidade e pela diferença, iniciou, com sucesso, em algumas áreas do saber, a mudança de paradigma que se pretende com Bolonha, nomeadamente na área de Medicina, estando a metodologia aí adoptada a propagar-se para outras áreas do saber. A aposta na qualificação e internacionalização do corpo docente e na construção e apetrechamento de infra-estruturas tem contribuído para a evolução em curso, a que não é também estranho o índice de disponibilização de meios informáticos para os alunos.

Hoje, a UBI conta com 544 docentes, a que correspondem 419,2 ETIs, dos quais 52 % (218) são doutores e 36 % estão em formação (132 em doutoramento e 19 em mestrado), prevendo-se que a maioria termine o doutoramento a curto prazo.

O esforço na formação tem-se estendido, igualmente, aos funcionários não docentes, que ascendem a um total de 442 (322 da UBI e 120 dos SASUBI).

Actualmente, a UBI conta com 39 licenciaturas registadas, tendo aberto este ano lectivo vagas para 32. Quanto à Pós-Graduação, existem 25 áreas de Doutoramento, 31 Mestrados e 6 Cursos de Extensão e Especialização.

Em parceria com outras instituições, a UBI promoveu, apoia e colabora, desde 1997, na realização de diversos Cursos de Especialização Tecnológica.

Nos últimos dois anos, fomos a única Universidade que continuou a crescer em número de alunos [4808 em 2002/03, 5017 em 2003/04], contando actualmente com 5036 de graduação e com 347 estudantes de pós-graduação.

No entanto, o orçamento de Estado que é previsto transferir para a UBI, (20.070.570 €) em 2005, é inferior ao de 2003 (20.240.270 €). Não posso deixar de fazer aqui um apelo a Vossa Excelência, Senhor Secretário de Estado, no sentido de se retomar o cálculo do financiamento das instituições através de uma fórmula clara e simples, de modo a que, eventualmente, se possam discriminar instituições pela positiva e perante objectivos bem definidos, mas com o conhecimento das instituições. Espero que, ainda este ano, para além da reposição devida pelos aumentos salariais, possa haver uma correcção orçamental.

Como é do conhecimento de Vossa Excelência, com a celebração do Contrato de Desenvolvimento para a implementação da Medicina, foi acordado que o respectivo orçamento de funcionamento seria publicado à parte do da Universidade, a fim de satisfazer as necessidades inerentes à sua instalação e no desenvolvimento de um novo modelo pedagógico. Nos últimos três anos, não sabemos qual o montante que foi atribuído à Medicina...

De qualquer forma, iremos prosseguir com a nossa estratégia de desenvolvimento de novas metodologias pedagógicas, com a aprendizagem centrada no aluno, com acompanhamento tutorial, e com iniciativas de pesquisa e de experimentação que permitam aos estudantes adquirir conhecimentos, competências, atitudes e despertá-los para a inovação, investigação e empreendedorismo, de modo a responsabilizá-los cada vez mais e a prepará-los para uma aprendizagem ao longo da vida.

Faço aqui uma referência muito especial e um agradecimento à resposta que tem sido dada pela Associação Académica e pelos Núcleos das diferentes

licenciaturas na organização de iniciativas de carácter pedagógico, científico, cultural e desportivo, que complementam, de uma forma eficaz, a formação integral dos alunos, dinamizam a academia e conferem visibilidade e prestígio à Universidade.

Nesta data, como já vem sendo hábito, procederemos à entrega das Bolsas de Estudo por Mérito, atribuídas pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior aos melhores alunos. Embora estas Bolsas não englobem a totalidade das licenciaturas, todas elas serão contempladas, com o suporte de patrocinadores ou da própria Universidade. Serão, igualmente, atribuídos prémios escolares aos alunos que terminaram a sua licenciatura com a classificação mais elevada. Felicito, com orgulho, os premiados, pelo mérito que, desta forma, lhes é reconhecido. Aos diversos patrocinadores, que hoje aqui farão a entrega dos prémios, o nosso bem-haja.

Serão ainda entregues as cartas doutorais e o respectivo suplemento ao diploma aos Doutorados no ano transacto.

INVESTIGAÇÃO

A Pós-Graduação tem dinamizado a produção científica e tem permitido conhecer melhor a região, através das numerosas teses de Mestrado que são resultado de estudos relacionados com o interior do país e com a vasta região transfronteiriça, tendo também aumentado o número de doutoramentos em colaboração com empresas.

Apesar de jovem, a Universidade da Beira Interior tem vindo a incrementar a produção científica, embora ultimamente os apoios financeiros tenham sido atribuídos com alguma irregularidade, não permitindo criar a estabilidade necessária aos investigadores.

Mas graças ao dinamismo destes e a uma estrutura de apoio que a UBI criou, quer na ajuda à procura de fontes de financiamento e elaboração das respectivas candidaturas (Gabinete de Programas) quer no acompanhamento administrativo (Organização e Planeamento), o número de projectos tem vindo a aumentar, sendo de salientar os que têm o apoio da Comunidade Europeia, nomeadamente através do INTERREG.

As unidades de investigação financiadas pela Fundação para a Ciência e Tecnologia têm sido uma experiência importante, pese embora a irregularidade do seu financiamento.

Nos últimos anos, a comunidade científica registou uma evolução significativa em Portugal, estabelecendo-se uma competitividade saudável entre equipas e investigadores, para além de uma cooperação inter-institucional.

Há, no entanto, que financiar infra-estruturas de apoio, nomeadamente em equipamento, que, em muitos casos, não existe ou começa a estar ultrapassado. O Programa de Reequipamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia, apesar das candidaturas elaboradas, não tem tido o impacto desejado nesta Universidade. Embora concordando com avaliações efectuadas por peritos internacionais, por vezes seria de ter em consideração a localização, dimensão e o estágio de desenvolvimento das instituições.

No caso da UBI, seria bom que o Ministério apoiasse algumas áreas científicas, em particular no que diz respeito ao equipamento das áreas dos Materiais, das Artes, da Ciência e Tecnologia e da Saúde.

O Centro de Investigação em Ciências da Saúde, com os seus 32 doutorados e 6 bolseiros de Pós-Doutoramento, apesar de beneficiar de um financiamento base como Unidade de Investigação e do financiamento de vários projectos,

alguns em cooperação com empresas, não beneficiou ainda de financiamento específico para os equipamentos mais dispendiosos, conforme está previsto no Contrato de Desenvolvimento da Faculdade de Ciências da Saúde, tendo-se recorrido a receitas próprias para tal.

Com a entrada em funcionamento, no próximo ano lectivo, do novo edifício da Faculdade de Ciências da Saúde, com uma área bruta de 18 986 m² onde o Centro de Investigação ocupa uma área de cerca de 3 500m², urge que o Ministério financie o equipamento fundamental, à semelhança do que tem acontecido com outras Faculdades.

ACÇÃO SOCIAL

A Universidade é, na sua essência, constituída pelos meios humanos, que são a sua maior riqueza.

Mas, para que os meios humanos sejam produtivos, é necessário criar-lhes as condições indispensáveis ao seu bem-estar. Daí a importância que temos vindo a dedicar à Acção Social e às infra-estruturas.

As condições de vida dos estudantes têm vindo a melhorar de uma forma continuada. Mas numa comunidade com 80% de alunos deslocados, com 38,6 % de alunos bolseiros (1 942), há que ter em atenção as suas necessidades e garantir que ninguém fique de fora do sistema por razões financeiras.

Não irei repetir aqui o parecer que elaborei sobre o financiamento para a Acção Social, aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, e que integra um conjunto de pareceres do CRUP sobre a matéria, mas o estabelecimento de um subsídio de instalação, para os alunos carenciados do 1º ano, que permitisse a sua sobrevivência até receberem a primeira prestação da bolsa,

poderia contribuir para melhorar o sucesso escolar e diminuir a taxa de abandono.

A Universidade da Beira Interior, em articulação com a Associação Académica, tem-se empenhado na promoção de actividades desportivas, indispensáveis à formação integral dos jovens.

No campo da saúde, para além dos meios humanos qualificados suportados pela UBI, o protocolo celebrado com a ARS tem permitido um apoio médico, nas suas várias valências, que esperamos continuar a desenvolver, em particular no que diz respeito ao acompanhamento psico-pedagógico dos alunos.

Para além de um orçamento adequado para bolsas, disponibilizado atempadamente, os Serviços de Acção Social deverão ser financiados com base numa fórmula clara e segundo critérios de acordo com a sua taxa de procura.

Com a entrada em funcionamento da nova Residência Pedro Álvares Cabral, com 330 camas, o orçamento dos Serviços de Acção Social terá de ser, necessariamente, reforçado.

Embora a UBI ofereça qualidade no sector da alimentação e tenha a melhor taxa de cobertura no domínio do alojamento, cobrindo 16,3% da população estudantil (820 camas), urge realizar algumas infra-estruturas.

Quanto à alimentação, o Pólo das Ciências Sociais e Humanas está extremamente carenciado, tal como sucederá com a nova Faculdade de Ciências da Saúde no próximo ano lectivo, que necessitará, igualmente, de residências.

No sentido de rentabilizarmos o sistema, (que conta, dada a sua dispersão, com 6 cozinhas), esperamos ter apoio, a curto prazo, para uma nova unidade alimentar que permita albergar uma cozinha centralizada e única, de modo a que, a partir dela, se possa implementar um sistema de “catering” que melhore a qualidade e diversidade da oferta, diminuindo os custos.

INSTALAÇÕES

As instalações, a sua qualidade, equipamento e a boa manutenção são indispensáveis para o desenvolvimento dos objectivos das Universidades, representando também uma mais valia na educação integral dos alunos e na promoção do sucesso escolar.

A UBI é reconhecida pelas condições que oferece para a aprendizagem e investigação na maior parte dos domínios. Há, no entanto, que resolver ainda alguns problemas, de modo a cumprir o Plano de Desenvolvimento da Instituição.

Nos próximos anos teremos que encontrar o financiamento adequado para a recuperação de edifícios, já adquiridos com receitas próprias, e que são indispensáveis para o bom funcionamento dos Serviços Centrais da Reitoria e da Unidade de Artes e Letras, que já estiveram inscritos em PIDDAC em anos anteriores. Para além destes, torna-se necessária uma infra-estrutura específica para o curso de Cinema (*Plateau*) e um hangar para a Engenharia Aeronáutica.

Durante este ano, concluiremos o Complexo Pedagógico das Ciências do Desporto e a Faculdade de Ciências da Saúde. Este último empreendimento teve um processo de financiamento extremamente complicado, com a sua passagem do PRODEP, como inicialmente previsto, para o POCI 2010.

Entretanto, perderam-se mais de quatro anos de despesas elegíveis, não sendo possível o reembolso de cerca de 2.800.000 Euros de receitas próprias, adiantadas na indispensável aquisição de terrenos. Além disso, a comparticipação FEDER diminuiu de 75% para 68,7%, implicando desta forma, necessariamente, um reforço da comparticipação nacional. A Universidade da Beira Interior viu-se, assim, privada de poder fazer frente a vários investimentos previstos pelo não reembolso das receitas próprias. Estou certo que o Governo tudo fará para corrigir minimamente esta anomalia.

Gostaria de fazer aqui um agradecimento público ao Gestor do POCI 2010, Eng. Sousa Soares, pelo empenho demonstrado na resolução do problema e no desbloqueamento do financiamento.

INAUGURAÇÃO DO CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DOS LANIFÍCIOS

Procederemos hoje à inauguração de mais uma singular e valiosa infraestrutura cultural, resultante da recuperação de um complexo fabril covilhanense, a *Real Fábrica Veiga*, de significativa importância histórica e patrimonial. A intervenção nela efectuada teve por finalidade dar sequência a um projecto encetado pela Universidade da Beira Interior em 1987, que conduziu à criação e desenvolvimento do seu Museu de Lanifícios. Desde 1996 que este Museu se tem vindo a afirmar, tanto a nível nacional como internacional, pela qualidade dos projectos que tem liderado, visando salvaguardar os testemunhos de natureza científica, cultural e técnica da indústria de lanifícios, assim como contribuir para a sua revitalização e para a criação de uma rede de informação têxtil europeia. Este percurso singular e inovador no panorama museológico nacional, e que granjeou ao Museu de Lanifícios diversas distinções e prémios, poderá agora concretizar-se em instalações condignas. Contribuir-se-á, deste modo, para desenvolver uma vertente de serviços de significativa importância no domínio do *design* da

indústria têxtil e para o reforço da afirmação turística da Beira Interior e de toda a área circundante da Serra da Estrela.

O crescimento da Universidade da Beira Interior foi-a conduzindo, ao longo do tempo, a uma sistemática ocupação de históricos edifícios fabris, abandonados no âmbito da reconversão industrial ocorrida na Covilhã a partir dos finais dos anos setenta do séc. XX. Estes edifícios encontravam-se predominantemente localizados junto às ribeiras da Goldra e da Carpinteira, que constituíram os locais privilegiados de implantação desta indústria na Covilhã, atendendo à qualidade da sua água e à importância da energia hidráulica que produziam. Por este motivo a Universidade foi assumindo a missão de contribuir para preservar os vestígios mais significativos do passado industrial covilhanense.

Salvaguardar a memória de uma cidade cuja história foi tecida, desde tempos imemoriais, pela prática dos lanifícios, que lhe imprimiram os traços mais fortes da sua identidade, foi uma opção que contribuiu, igualmente, para fortalecer a própria identidade institucional da Universidade que, não tendo ficado indiferente aos vestígios patrimoniais da grande manufatura de Estado salvaguardados na área das tinturarias da *Real Fábrica de Panos*, os converteu em Museu, estendendo a sua intervenção de recuperação a outros edifícios fabris e privilegiando os espaços que testemunham a introdução da Revolução Industrial nos lanifícios portugueses, como é o caso da *Real Fábrica Veiga*.

Este histórico complexo fabril, situado na margem esquerda da Ribeira da Goldra, próximo da *Real Fábrica de Panos*, foi constituído por três edifícios contíguos. A sua construção, iniciada em 1784, a partir de uma oficina de tinturaria, de José Mendes Veiga, deveu-se à influência da manufatura pombalina, no âmbito das medidas de incentivo à indústria covilhanense. Em 1838, apresentava-se já como uma fábrica completa, tendo sido a sede de um complexo empresarial que, no seu período de apogeu (de 1835 a 1891), abrangia cerca de duas dezenas de unidades fabris e diversas *escolas de fiação* disseminadas predominantemente pelos concelhos da Covilhã e do Fundão.

Iniciada em 1784, funcionou ininterruptamente como complexo fabril, até aos anos 90 do séc. XX, tendo alojado, ao longo do tempo, diversas empresas de lanifícios covilhanenses. Entre 1999 e 2004, foi sujeita a uma intervenção de recuperação empreendida pela Universidade da Beira Interior e financiada por receitas próprias (1.344.974 €), pelo *Programa Operacional da Região Centro*,

através do *Eixo Prioritário II, Medida 2.5*, no âmbito da *Acção Integrada de Base Territorial - AIBT, Serra da Estrela*, (1.296.493 + 1.318.050 €) no valor total de cerca de 4.000.000 €. Visou-se, através dela, a recuperação arquitectónica do complexo fabril e a sua remodelação, de acordo com o *Programa Museológico* elaborado para o efeito, com a finalidade de transformá-la na sede do Museu e, simultaneamente, em **Centro de Interpretação dos Lanifícios**, com as valências de *Núcleo Museológico da Industrialização* e de *Centro de Documentação/Arquivo Histórico*. Defendeu-se então a preservação quer das estruturas edificadas como da organização dos espaços fabris primitivos, com o objectivo de criar um pólo museológico que permitisse dar sequência à exposição do *Núcleo da Real Fábrica de Panos*. Abordando este os processos manufactureiros da produção empreendidos até aos inícios do séc. XIX, pretendeu-se, na *Real Fábrica Veiga*, apresentar a evolução tecnológica da industrialização dos lanifícios, do séc. XIX até à actualidade.

O *Projecto Arquitectónico*, de elevada qualidade, da autoria dos Arquitectos Bartolomeu da Costa Cabral, na qualidade de responsável, e Carlos Mourão Pereira, como colaborador principal, permitiu realizar uma intervenção que pode considerar-se verdadeiramente modelar, no panorama nacional. A construção esteve a cargo das empresas Construtora Abrantina S.A., António Ascensão Coelho & Filhos, S.A. e Constrope S.A., e a fiscalização foi feita pela empresa EFIEFE Lda, e pelos Serviços Técnicos da UBI.

No decurso da reconversão do imóvel, com 7 292 m², foram postas a descoberto estruturas arqueológicas pertencentes às primitivas construções, de que se salientam os assentamentos das caldeiras de vapor, datadas da segunda metade do séc. XIX, que foram preservadas *in situ*.

O *Projecto Museológico* entretanto elaborado, e actualmente já em fase de execução, financiado pelo Programa INTERREG III A, através dos projectos transfronteiriços *Rota da Lã - TRANSLANA I e II*, que o Museu de Lanifícios lidera, visa musealizar a evolução do

processo de industrialização dos lanifícios, através da recriação de ambientes fabris que, iniciados no séc. XIX, se estenderam até meados do séc. XX, contextualizando-os económica, social, cultural e tecnicamente.

Encontra-se actualmente em fase de elaboração a candidatura do projecto *Rota da Lã-TRANSLANA III*, esperando-se, através da sua aprovação, concluir a musealização em curso, através da utilização de tecnologias multimédia, com o objectivo de transformar este Museu num *centro de ciência viva*, a abrir ao público em finais de 2006.

Espera-se, então, poder vir a contar com o apoio do Governo Central para a manutenção de um empreendimento levado a efeito pela Universidade da Beira Interior, que contou com o apoio da comunidade e, particularmente, dos empresários da Região que doaram ao Museu importantes espólios de natureza documental e técnica. Atendendo ao impacto cultural deste novo equipamento e à sua contribuição para o desenvolvimento não só a nível regional, nacional, como mesmo internacional, urge assegurar o seu normal funcionamento, já que, sendo um *museu de ciência e técnica* de âmbito tão nacional como os seus congéneres, e reportando-se a sua exposição permanente a um sector importantíssimo da economia nacional, particularmente nos últimos dois séculos, não seria justo que o orçamento desta Universidade fosse ainda mais onerado com este tipo de despesas.

Espera-se, igualmente, poder contar com apoios provenientes do mecenato, de modo a incentivar uma maior contribuição dos previsíveis benfeitores e Amigos do Museu.

Aproveito esta oportunidade para testemunhar o meu agradecimento a todos os que estiveram envolvidos na concepção, projecto e construção do museu e

muito especialmente ao Senhor Engenheiro António Manuel Lemos dos Santos, Gestor das *Acções Integradas de Base Territorial - AIBT Serra da Estrela*, que desde a primeira hora vislumbrou o impacto, na região, deste empreendimento e acompanhou, com o maior empenho, todo o processo.

Devo, igualmente realçar o papel neste sentido desempenhado pela Comissão de Coordenação Regional do Centro, nas pessoas do seu Presidente, Prof. Doutor Pedro Saraiva, e do Dr. Jorge Brandão, que acolheram com a maior disponibilidade os projectos de candidatura apresentados no âmbito do INTERREG III A e pelo apoio prestado à equipa responsável pelo Projecto Rota da Lã – TRANSLANA.

Endereço também o meu público agradecimento ao Instituto Português de Museus nas pessoas do seu Presidente, Senhor Dr. Manuel Bairrão Oleiro, assim como da Senhora Dra. Clara Camacho, Coordenadora da Rede Portuguesa de Museus, que apoiou, desde a primeira hora, o percurso deste Museu e viabilizou o apoio técnico indispensável à concretização dos Projectos Museológico e Museográfico de Arquitectura, disponibilizando consultadoria especializada do Senhor Eng^o Luís Elias Casanovas e da Senhora Arquitecta Teresa Ferreira.

Quero igualmente testemunhar o meu reconhecimento ao Instituto Português de Conservação e Restauro, endereçado à sua Presidente, Prof. Doutora Ana Isabel Seruya, e ao seu Vice-Presidente, Dr. Mário Pereira dos Santos, pela disponibilização de consultadoria técnica em diversas acções empreendidas no âmbito da conservação e restauro, assim como do projecto de musealização e, igualmente, no de instalação do Centro de Documentação/Arquivo Histórico.

Uma palavra de agradecimento ao Conselho Executivo e demais órgãos da Escola Secundária Campos Melo, por terem colocado em depósito no Museu de Lanifícios um conjunto de máquinas provenientes das oficinas têxteis desta centenária escola.

Ainda uma referência aos órgãos directivos do Agrupamento de escolas do Tortosendo, que encenaram a Tragicomédia Pastoril da Serra da Estrela, de Gil Vicente, e irão representá-la, em 18 de Maio próximo, Dia Internacional dos Museus, para assinalar a inauguração do Museu.

Agradeço, igualmente, a todos quantos, e foram muitos, covilhanenses e beirões espalhados por diversas regiões e países, que doaram espólio ao Museu de Lanifícios. Distingo, muito especialmente, diversos membros da Família Alçada, assim como a Associação Nacional dos Industriais de Lanifícios e o CITEVE que disponibilizaram um vastíssimo e valioso acervo, que se encontra já incorporado no Museu.

Finalmente, uma palavra de apreço aos funcionários do Museu de Lanifícios, que com o seu esforço e dedicação têm colaborado no seu crescimento. Permitam-me, neste momento, que faça um agradecimento muito especial a uma pessoa que dedicou a sua vida a esta causa, a quem se fica a dever o dinamismo e a dimensão que o Museu de Lanifícios já atingiu. Sem o seu empenho, dedicação e liderança seria impossível, à UBI e à cidade, disporem deste novo espaço de cultura. À Senhora Dr^a Elisa Calado Pinheiro, Directora do Museu de Lanifícios, o nosso bem-haja e um público Louvor pela acção desenvolvida na preservação da memória de uma comunidade.

PUBLICAÇÃO: A UNIVERSIDADE E A CIDADE

No espaço do novo museu e associado à sua inauguração iremos fazer o lançamento do livro “A Universidade e a Cidade”, da autoria do Arquitecto Bartolomeu Costa Cabral.

Ao Senhor Arquitecto Costa Cabral, a UBI e a cidade ficam a dever a maior parte dos projectos de recuperação dos antigos espaços fabris que constituem o Pólo I, onde nasceu a Instituição, cujo conjunto harmonioso se assume hoje

como o *ex-libris* da Universidade. O último projecto realizado foi o do espaço museológico que hoje inauguramos. A Universidade da Beira Interior quis homenagear a obra deste grande nome da Arquitectura Portuguesa que, desde 1973, colabora com a Instituição, levando a efeito esta publicação com que esperamos perpetuar a obra de Costa Cabral. Aos patrocinadores desta edição o nosso cordial agradecimento.

Para assinalar a inauguração e, simultaneamente, testar os espaços e equipamentos já instalados, o Museu dos Lanifícios apresenta hoje um conjunto de exposições de natureza artística, que estarão patentes ao público até ao próximo dia 26 de Junho e que passo sucintamente a identificar:

- Exposição de pintura, de Costa Camelo, pintor de reconhecido mérito, natural da Covilhã e que desenvolveu, desde 1950, em Paris a sua vida artística, sem todavia esquecer os ambientes fabris da cidade que o viu nascer;
- Exposição de Tapeçaria, da artista galega Menzi Cortizas, intitulada “Refúgios”;
- Exposição de criações têxteis, “Num tempo sem tempo”, da estilista Helena Cardoso;
- “Tempo de Espera”, com criações de natureza têxtil, de Teresa Segurado Pavão;
- “Memórias”, com concepção plástica da autoria de Luís Afonso, e produção e encenação do Grupo de Teatro “A Quarta Parede”.
- Inaugurar-se-á, igualmente, uma exposição de natureza científica, intitulada Objectos Naturais, Metamorfoses da Raiz, Caule e Folhas, promovida pelo Museu e Jardim Botânico da Universidade de Lisboa e comissariada pelos Professores Doutores Margarida Jardim e Fernando Jorge que, com este evento, se associam à Universidade da Beira

Interior, contribuindo significativamente para criar, no Museu de Lanifícios, um espaço de cultura e ciência viva.

Senhor Secretário de Estado, Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Celebramos apenas 19 anos como Universidade e assinalamos 30 anos de Ensino Superior na região. No passado dia 25 comemoraram-se 31 anos de democracia em Portugal. Neste curto espaço de tempo, temos de reconhecer que, apesar das carências ainda existentes, muito se fez no país, em particular no domínio da Ciência e do Ensino Superior, e que estes são a chave do desenvolvimento das sociedades modernas em que a produção do saber é a principal fonte de geração de riqueza e prosperidade.

À Universidade está lançado o grande desafio da implementação do Processo de Bolonha. Ao Governo compete exercer o poder regulador do sistema, revendo e providenciando legislação adequada que permita operacionalizar a desejada mudança de paradigma. (Lei de Bases, Lei de Autonomia, Lei de Financiamento, Ordenamento, ECDU, Estatuto do Estudante).

Há potencialidades criadas que podem ser postas em causa se não se produzirem medidas legislativas adequadas. As novas instituições do Ensino Superior localizadas no interior têm sido as principais responsáveis, não só pelo seu desenvolvimento, mas também pela travagem do despovoamento, invertendo o fluxo migratório de jovens que criam raízes, compromissos de vida e uma maior probabilidade de nele se fixarem.

Mas para que as cidades que acolhem estas instituições não se convertam em meros centros de passagem de jovens, é necessário desenvolver políticas de criação de novas empresas e melhores condições de vida e bem-estar.

Às Universidades compete criar o saber, difundi-lo e colocá-lo ao serviço da comunidade. A filosofia de abertura e interacção com o exterior por nós assumida foi fundamental para atingir as metas alcançadas.

Já fiz referência a vários mecenas do Museu e da Universidade oriundos da comunidade regional, nacional e mesmo internacional. Durante esta cerimónia assinaremos ainda um protocolo de doação de terrenos à Faculdade de Ciências da Saúde pelo Grupo IBEROIMAGEM. Aos seus Administradores (Dr. José Luís de Brito Rocha, Dr. Fernando Marques Jorge e Dr. Ernesto Fernandes Rocha) O NOSSO muito obrigado, não só pelo valioso e estratégico contributo, mas também pelo exemplo de bom relacionamento da sociedade com a Universidade.

Ao assinalarmos a passagem de mais um aniversário, quisemos demonstrar também a fase de consolidação da UBI e os valores fundamentais sobre os quais assenta a sua identidade: uma afirmação pela qualidade e pela diferença, numa cultura de inovação, responsabilidade, integração e participação da sociedade, de respeito pelos testemunhos do passado, mas também de criação e partilha do saber para a construção de um futuro melhor.

Bem-haja.